

O “ARCHIVO” DE MALBA TAHAN: UMA MEMÓRIA DE SI A *POSTERIORI*

Moysés Gonçalves Siqueira Filho

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

moysessiqueira@uol.com.br

O texto, ora apresentado, faz um recorte da trajetória de vida de um sujeito que viveu situações das mais diferentes possíveis e que deixou marcas expressivas no imaginário da Educação Matemática. Constituído, portanto, como produto de um contexto histórico situado, datado, do ponto de vista temporal e espacial, Júlio César de Mello Souza, ao mesmo tempo, constituiu-se nas interações sociais com o outro, nas relações de forças, confronto, dominação e resistência.

A partir de suas práticas cotidianas e de suas múltiplas identidades, procurei compreender os deslocamentos que fizera por diferentes espaços sociais; analisar as estratégias-táticas editoriais utilizadas; delinear sua atuação como professor-autor de livros didáticos de Matemática e demarcar a produção literária para contar os episódios da história de sua máquina de produção¹, Malba Tahan.

Em torno da questão *Quais contexturas subsidiaram a constituição do autor-personagem Malba Tahan e quais contexturas foram por ele constituídas para sua manutenção?* percorri um longo caminho para traçar o que eu desejava. Os documentos obtidos, de forma não muito tranqüila, em função de autorizações tardias, informações desencontradas, arquivos dispersos em distantes e diferentes lugares, foram submetidos às críticas e reflexões, com o intuito de *marcar a singularidade dos acontecimentos [...] espreitá-los [...] naquilo que é tido como não possuindo história* (FOUCAULT, 1979, p. 15) e, à medida que me debruçava, mais e mais, no processo de investigação, pude, com o auxílio deles, repensar o que explicaria, historicamente, alguns dos atos e atitudes, praticados pelo professor-autor Júlio César de Mello e Souza e pelo autor-personagem Malba Tahan.

¹ Expressão cunhada por Joaquim Inojosa em seu discurso de posse, em 15 de maio de 1975, da cadeira nº 8, vagada por Malba Tahan na Academia Carioca de Letras, intitulado Malba Tahan: o mercador de esperança (INOJOSA, 1975)

Basicamente, as fontes primárias foram extraídas do Núcleo de documentação e Memória do Colégio Pedro II - NUDOM – RJ; do Museu da Imagem e do Som – MIS - RJ; da Fundação Biblioteca Nacional – RJ; do Museu Dom João VI – RJ; da Escola Polytécnica – RJ; do Instituto Malba Tahan – IMT - SP; do Arquivo Pessoal Euclides Roxo – APER – PUC/SP; do Núcleo de Pesquisa Sobre o Livro e a História Editorial no Brasil - LIHED/UFF - RJ.

Dos espaços guardiões de suas memórias, faço destaque, ante o recorte feito, ao Instituto Malba Tahan - IMT, onde, em meio a um acervo documental bastante significativo, encontrei o que Malba Tahan chamou de *archivo*:

O archivo tem por fim conservar muitos papeis, cartas, retratos, cartões etc que não poderiam ficar no Diario. Será portanto um auxiliar magnifico e indispensável. Todo e qualquer documento de minha história será conservado de agora em diante no Archivo (INSTITUTO MALBA TAHAN - IMT. 1918 -17 de novembro - grifos de Mello e Souza; *Archivo*, 1917 - 19, v. 1, Folha de Rosto)

À época dessa decisão, Mello e Souza contava com 23 anos de idade, ingressara no jornal *O Imparcial*, publicara alguns contos sob o pseudônimo de R. S. Slady, lecionava as disciplinas de Geografia e História do Brasil no Grupo de Escolas Manuel Buarque e Comandante Midosi e cursava Engenharia Civil na Escola Polytécnica. Um conjunto de informações, possível de ser ampliado e relatado, graças a sua prática em produzir e guardar registros, a partir do que denominou de *archivo*.

Essa prática, no entanto, já existia anteriormente, pois ele tinha o hábito de conservar seus escritos. Isso aconteceu, por exemplo, com os fascículos do jornal “ERRE“, uma criação dos tempos de infância. Gostaria, então, de tratar de dois momentos, que considero bastante distintos: o primeiro, diz respeito ao *archivo*, idealizado e organizado por ele mesmo; e o segundo, ao *arquivo pessoal*, organizado por familiares, que com um propósito mais institucional, *instaura um lugar de recomeço* (DE CERTAEU, 2000, p. 82).

O *Archivo*

O fragmento, em destaque, evidencia que Mello e Souza tinha o hábito de registrar suas experiências pessoais em um diário, espaço em que, geralmente, as pessoas depositam seus sentimentos mais íntimos, travando uma espécie de diálogo com um “melhor amigo”, seja para recordar, seja para, simplesmente, marcar momentos bons ou ruins. Mas para quem e para que se faz um diário? Para si mesmo, como forma possível de se autobiografar. Nele estariam retratadas situações sigilosas, como as de fraquezas, angústias, desesperos, desprazeres, prazeres, desejos mais ardentes e inconfessáveis; produtos da mais profunda intimidade. Seria o sujeito falando de si, para si, de algo não revelador, proibido.

Viñao (2000, p. 181) na tentativa de tipificar algumas modalidades do gênero autobiográfico, a partir de uma perspectiva histórica, define o diário como sendo

[...] una sucesión de textos más o menos extensos – desde la nota o apunte suelto a varios folios -, escritos sobre la marcha, al hilo de los acontecimientos, con mayor o menor frecuencia y regularidad, a lo largo de los años o durante un período de tiempo determinado. El peso de la realidad inmediata, aún viva, sobre o a partir de la que se escribe, le confiere, por lo usual, un carácter fragmentario y atomizado. La ausencia de perspectiva temporal provoca además, en este tipo de textos, la yuxtaposición de detalles sin interés aparente junto a otros relevantes – aunque la relevancia histórica dependa de cual sea el objeto que hay que investigar y de metodología que se utilice.

Nesse sentido, parece-me que Mello e Souza, atribuindo importância para algumas situações reveláveis e historicizantes, e não querendo ficá-las só para si, optou por separá-las, em espaços diferenciados, com a intenção de algo maior, de algo que ultrapassasse as fronteiras do seu diário; e, talvez, por meio do *archivo*, fosse possível idealizar um projeto de construção autobiográfica (RIBEIRO 1998; FRAIZ, 1998; ARTIÈRES 1998), realizado, em parte, 55 anos mais tarde, em seu livro *Acordaram-me de Madrugada: recordações de antigo aluno do Colégio Pedro II* (TAHAN, 1973).

A partir de um determinado momento, ou melhor, desde o início de sua trajetória², ele mostrou-se preocupado com a conservação de alguns documentos que retratassem sua história e, dessa forma, reuniu e distribuiu, em vários cadernos - doravante denominados, por ele mesmo, de *archivo* - folhetos, recortes de jornais, correspondências, convites, fotografias, diplomas, medalhas,

² Utilizo aqui o termo trajetória para designar a pluralidade de campos simultâneos (BOURDIEU, 1998) experienciados por Malba Tahan e nos quais ocorreram táticas e estratégias (DE CERTAU, 1994), dialeticamente (FOUCAULT, 1979, 1988).

homenagens, testamento e alguns manuscritos, os quais, quase sem recorrência à vida pessoal e familiar – creio que para ele, tais informações, não condizentes aos aspectos profissionais, deveriam ficar no diário - registraram as suas várias palestras e conferências proferidas Brasil afora.

Posso dizer que seu *archivo* se aproxima dos *hupomnêmata*³, importantes na subjetivação do discurso, os quais, Foucault (2004, p. 149) insiste em não confundi-los com diários íntimos, por mais pessoais que sejam, pois, o movimento que eles procuram realizar [...] *trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito: reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si.*

Ao separar os documentos que não poderiam ficar no *Diário* em uma série de cadernos de notas, Mello e Souza intuía a diferença entre um e outro, e ratificava, com isto, a importância do caráter minúsculo de sua prática, para a construção de modos de subjetivação, produzidos numa conjuntura histórica, cultural e política, uma vez que, utilizando-se dos *hupomnêmata*, que lá estariam, a qualquer tempo, atualizaria seu próprio discurso, por meio do que acabara de inventar, ou seja, *um equipamento de discursos auxiliares* (Foucault, 2004, p. 148), com o qual construiria sua identidade para si e para os outros.

Sendo ele professor-autor, a organização de um *archivo* lhe possibilitaria produzir discursos, capazes de mostrar sua importância à sociedade e articular poder e saber, mas para produzir saber, deveria tomar parte em relações assimétricas de poder.

Em outras palavras, os efeitos mútuos de poder e saber que esses discursos propiciariam, chamados de produtividade tática e a correlação de forças necessária para sua utilização nos diversos confrontos produzidos, chamada de integração estratégica, não se dicotomizam em discursos admitidos/excluídos ou dominantes/dominados, pois segundo Foucault (1988, p. 95), *deve-se conceber o discurso [tanto] como uma série de segmentos descontínuos, cuja função*

³ Tipo de prática textual comum e corrente na cultura greco-romana nos dois primeiros séculos do império. [...] Não deveriam ser *considerados como um simples suporte de memória, que se poderia consultar de tempos em tempos, caso se apresentasse uma ocasião. Eles não se destinam a substituir as eventuais falhas de memória. Constituem de preferência um material e um enquadre para exercícios a serem freqüentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com os outros etc.* (FOUCAULT, 2004, p. 148).

tática não é uniforme, nem estável, [quanto] [...] como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes.

O poder se define, conforme Foucault (1979, 1988) em luta, confronto, disputa, situação estratégica; não é um lugar que se ocupa, nem um objeto que se possui, ele não existe, ou melhor, o que existe são práticas sociais ou relações de poder, cotidianamente travadas por indivíduos e grupos sociais e, portanto, constituídas historicamente.

As relações de poder se exercem por meio de ações estratégicas, presentes tanto nos mecanismos de controle e governabilidade, quanto nos mecanismos de confronto. Constituindo modos possíveis de ação sobre a ação do outro, suas especificidades são distintas das capacidades objetivas - ação sobre as coisas - e das relações de comunicação - ação sobre o outro -. Estas, inseridas em um mundo eminentemente capitalista e globalizante, imbricam-se fortemente com aquelas.

Havendo poder, haverá resistência, entendida como *pontos móveis e transitórios que se distribuem por toda estrutura social* (FOUCAULT, 1979, p. XIV) e que representam outras formas de fazer possíveis no combate contra as diferentes formas de poder; e se o poder é exercido como relações de forças, isso implica em estratégias de lutas entabuladas, a todo instante, nas práticas cotidianas.

Os embates que Mello e Souza travara com seus pares, para permanência no mercado editorial, a mudança de concepção sobre Matemática e sobre seu ensino, a inserção das propostas educacionais vigentes em sua produção didática, os contratos firmados com suas parcerias, são exemplos de práticas discursivas, ora diferentes, ora contraditórias, que sinalizam ter uma função tática e, ao mesmo tempo, estratégica.

De Certeau (1994, p. 101), não perdendo de vista as relações de contradição, postas na estrutura social, também, falará em estratégias e táticas. Porém, adverte haver uma distinção entre elas, isto é, *a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder.*

De outro modo, as estratégias são ações que elaboram lugares institucionais, físicos, teóricos cuja base é o lugar do poder, designado ao forte. A tática pode ser considerada como a arte do fraco, pois, não conta com um lugar de poder, ela só tem por lugar o do outro, movimentando-se dentro do campo do inimigo e no espaço por ele controlado. É a partir desse seu lugar, que transforma os acontecimentos em ocasiões ou oportunidades astuciosas. O que ocorre é um jogo em que tanto a arte do forte quanto a arte do fraco compartilham de um repertório de práticas cotidianas; mas de lugares diferentes; e isso, o distancia de Foucault.

Por outro lado, De Certeau falará em práticas cotidianas como uma apropriação inventiva e criativa que o sujeito faz dos usos e costumes do “fazer” e do “fazer com” nas relações sócio-culturais, para produção de outros modos de existir; e Foucault falará em outros modos de existir possíveis no interior e na ambigüidade das relações de poder inerentes à vida social, do intercâmbio de práticas cotidianas, ou seja, para os dois, há a possibilidade de se fazer de outra maneira; viés que, no meu entender, os aproxima.

Diante da contribuição dada por De Certeau (1994, p. 46 – grifo do autor), isto é, chamando de estratégia *o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’*; e de tática *um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível*, percebo, a partir do contato estabelecido com Foucault, acerca do conceito de poder, haver tensões no interior das práticas culturais, como também, percebo, no interior dessas mesmas tensões, movimentos de transformações, ou seja, as estratégias transformando-se em táticas e as táticas transformando-se em estratégias. Existem relações de poderes em ambos os lugares, pois, todo lugar social é um lugar de poder. Não importa em qual deles esteja o sujeito, porque ele produzirá brechas, possibilidades de rupturas, movimentos sociais, enfim, ele produzirá outras relações.

Ressignificar os conceitos trabalhados por De Certeau, a partir do conceito de poder de Foucault, permiti-me compreender o *arquivo* de Mello e Souza, como um espaço rico para a criação de discursos, bem como perceber, em sua organização, tanto elementos de “tática”, quanto, ao mesmo tempo, elementos de “estratégia”.

Considerando não ser possível arquivar a vida de uma vez por todas e, nesse sentido, poder refazê-la e reclassificá-la, a todo momento, concebo o *arquivo* como um lugar ideal para *gerir as relações com uma 'exterioridade' de alvos e ameaças*, caracterizando, dessa forma, um espaço inventivo e criativo das práticas cotidianas de Mello e Souza (DE CERTEAU, 1994, p. 99 – grifo do autor), ou seja, uma intencionalidade autobiográfica supõe uma prática escriturística, assinalada como uma *prática mítica moderna* (DE CERTEAU, 1994, p.224), portanto, capitalista e conquistadora.

Capitalista, por conferir ao sujeito o poder de estocar o passado e acomodar a seus modelos a diversidade do universo; conquistadora por garantir-lhe um espaço de domínio sobre o tempo e sobre as coisas, uma vez que, utilizando-se de uma página em branco, constrói seu texto e aí produz o seu querer. A Revista Brasileira de Matemática, os jornais, as produções didáticas, são documentos que lhe outorgam lugares de poder e explicitam, situações estratégicas.

Por outro lado, a longa duração da organização do *arquivo*, realizada em diferentes momentos, e em função disso, abarcar uma série de significados passíveis de alteração, transformou alguns acontecimentos em ocasiões, em oportunidades astuciosas, denotando, dessa maneira, uma certa fragilidade em face do esquecimento, do não pertencer à memória de outrem, que provavelmente, desalojado de condições mais seguras para se apresentar à sociedade mais ampla, precisava de uma tática eficaz para fazer-se respeitado. A escolha das parcerias, os contos de R. S. Slady indiciam essa carência.

De uma maneira geral, as pessoas guardam documentos que testemunharam momentos de sua vida, suas relações pessoais ou profissionais, seus interesses, seja por uma prática de arquivamento ou intenção autobiográfica, seja para responder a uma injunção social (ARTIÈRES, 1998).

À medida que Mello e Souza preparava sua *coleção de si* (RIBEIRO, 1998) - aquela que guarda e registra o melhor de si próprio para a posteridade – selecionando, ele próprio, o material que considerava importante, tentou conduzir o processo de construção da sua identidade e delinear os contextos em que desejaria que ela se forjasse.

Como que querendo cristalizar o tempo, Mello e Souza conservara e organizara uma pequena parte das memórias de si, em cujos pequenos detalhes e dedicação caprichosa com que tratara o

seu *arquivo*, repousa um pouco do processo de construção de sua identidade multifacetada. Com ele, haveria a possibilidade de edificar uma valiosa fonte de estudos *a posteriori* e fornecer a seus usuários - leitores ou pesquisadores - uma série de acontecimentos vistos como peças de um quebra cabeça: fragmentados e heterogêneos, prontos para compor algo maior.

O Arquivo Pessoal

Onze anos após a sua morte, ocorrida aos 79 anos, na cidade de Recife, local em que proferia palestra sobre a arte de contar histórias (JORNAL DO BRASIL; FOLHA DE SP – 19 de junho de 1974), todo o material reunido por ele, isto é, seu *arquivo*, foi doado, por sua filha, à Prefeitura Municipal de Queluz – SP, constituindo, dessa forma, nas dependências do Centro Cultural da cidade, o Acervo Cultural Malba Tahan.

Reorganizado, posteriormente, por sua neta e com o intuito de oficializar sua produção intelectual e artística, o Acervo foi transformado, em 18 de setembro de 2004, em Instituto Malba Tahan – IMT, uma entidade sem fins lucrativos, responsável pela guarda e preservação daqueles documentos.



Fotos de Paulo Sampaio qlz ©.

Vistas laterais do prédio do IMT.

Para Foucault (2000) um arquivo não pode ser compreendido como sendo uma junção de vários textos guardados por uma cultura como testemunhos de seu passado; nem como instituições que permitem o acesso aos registros conservados e discursos mantidos como algo que se queira lembrar; nem como um agrupamento de documentos inertes e amorfos. Para ele, o arquivo é um espaço dinâmico, no interior do qual, os documentos formam figuras distintas, se compõem uns com os outros, diferenciam os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria; ele não unifica os discursos, nem tão pouco, os transforma em blocos estáticos,

pois sua função é a de provocar rupturas, atualizar os enunciados, ser indescritível em sua totalidade.

De Certeau (2000), nessa mesma direção, enfatiza não bastar dar voz aos documentos adormecidos nos arquivos, é preciso tirá-los do cômodo lugar e fazê-los funcionar de outra forma, ressignificá-los. Mas para que isso ocorra é necessário haver condições apropriadas de pesquisa, é preciso mudar a utilização do arquivo, como também, fazer uma redistribuição do espaço, por meio de uma ação instauradora e de técnicas transformadoras.

Justamente, em função de um tratamento arquivístico inadequado e as más condições com que se encontravam as instalações do prédio, o Instituto não estava aberto para consultas, nem para pesquisas, somente para visitas⁴. Aqueles fatores, também, contribuíram para que, em 27 de abril de 2007, ele fosse desativado, havendo a possibilidade de todo o material ali existente, embalado em nove grandes caixas e transferido para o bairro do Lême – RJ, para a casa de sua neta, diretora do IMT, ser doado à uma universidade carioca. Em princípio, as negociações estavam sendo tratadas com a Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO, entretanto, não vingaram. Em 10 de agosto de 2010, o Acervo Malba Tahan foi transferido para Campinas, mais precisamente, para o Centro de Memória da Faculdade de Educação - FE/Unicamp.

O arranjo inicial que Mello e Souza dera àqueles documentos acabara por se perder, diante das mudanças de local, do manuseio amadorístico e do arquivamento inadequado; tornando-se impossível mantê-lo, tal qual foi por ele organizado, rompendo, dessa forma, com um dos princípios da arquivística moderna, isto é, o respeito à ordem primitiva dos documentos, previamente, escolhidos (FRAIZ, 1998).

Talvez, a busca por aquela primeira organização pudesse fornecer outras informações acerca da natureza do *archivo* ou a de seu criador, o que, sob um olhar mais apurado e distanciado do pesquisador, provavelmente, não reflita as intenções ou os sentidos que o seu titular pretendia (FRAIZ, 1998).

⁴ Depois de muita negociação foi-me, com enormes restrições, permitido o contato com alguns documentos ali arquivados, nos meses de março e abril de 2006. Outras negociações se fizeram necessárias para que eu pudesse ir até à casa de sua neta em julho de 2007.

De acordo com Foucault (2000, p.150) [...] *o arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação.* Nesse sentido, gostos, hábitos e valores, também podem ser revelados pelo olhar do usuário do arquivo, que captará, daquele conjunto de informações, os “testemunhos” de que precisa para sua pesquisa, bem como, será este mesmo olhar que dará movimento aos enunciados e à compreensão daquela trajetória, admitida como a escrita de si.

Convém lembrar que as identidades podem ser construídas, apropriando-se, também, de discursos de terceiros, pois um arquivo implica não só a produção de discursos de seu titular como também a acumulação de discursos de outros (FRAIZ, 1998, p. 16)

Nas palavras de Pessoa (2006, p. 139),

Assim organizar a nossa vida que ela seja para os outros um mistério, que quem melhor nos conheça, apenas nos desconheça de mais perto que os outros. Eu assim talhei a minha vida, quase que sem pensar nisso, mas tanta arte instintiva pus em fazê-lo que para mim próprio me tornei uma não de todo clara e nítida individualidade minha.

A construção do *arquivo pessoal* de Malba Tahan, iniciada com o *archivo* e com o desejo incutido de torná-lo público um dia, se configura como seu projeto autobiográfico, uma vez que, por intermédio dele, haveria a possibilidade de se expressar e forjar sua imagem diante do leitor da sua documentação.

Outros espaços públicos, já citados linhas atrás, guardam e preservam documentos de Malba Tahan, que denotam outras histórias possíveis de se reconstruir outros modos de existir. Para além das fronteiras destes espaços de memórias de si, há que se dizer, das circunstâncias criadas, noutros lugares, com o intuito de prestar-lhe homenagens póstumas.

Em 1995, a deputada Heloneida Studart encaminhara à Câmara dos Deputados um projeto de lei, convertido, em 29 de dezembro, na Lei Estadual 2501/95. A Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro decretou e o Governador Marcello Alencar sancionou que ficaria *instituído e incluído no Calendário Oficial do Estado do Rio o DIA DA MATEMÁTICA*. Em homenagem [a]o escritor,

*educador e matemático MALBA TAHAN - a maior expressão do binômio 'Ciência-Imaginação'*⁵ - foi escolhido o dia 06 de maio, data de seu nascimento.

Anos mais tarde, em 2004, a Sociedade Brasileira de Educação Matemática - SBEM, por proposição de sua Diretoria Nacional Executiva – DNE - e de seu Conselho Nacional Deliberativo – CND -, também, elegeu o dia seis de maio como o **DIA NACIONAL DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**. Os objetivos pretendidos com essa iniciativa se acomodam em dois quesitos: primeiro, *divulgar a Matemática como área de conhecimento, sua história e suas aplicações no mundo contemporâneo, sua ligação com outras áreas de conhecimento*, e, segundo, *buscar derrubar mitos de que aprender Matemática é privilégio de poucos* (EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM REVISTA, 2004, p. 63).

A DNE da SBEM, também encaminhou à Câmara Federal, a proposta legislativa de criação do **DIA NACIONAL DA MATEMÁTICA**, conforme projeto de Lei, de autoria da professora e deputada federal Raquel Teixeira, com o intuito de incentivar *a promoção de atividades educativas e culturais alusivas à data*, em todo território brasileiro.

Em sua exposição de motivos, Raquel Teixeira alegou a contribuição dada por Malba Tahan, por meio de suas atividades tanto de ensino e pesquisa quanto de escritor, ao desenvolvimento da pedagogia da Matemática, razões essas, segundo ela, suficientes para a aprovação da proposta em apreço.

Essa aprovação, ainda, não se consolidou, entretanto, as diretorias regionais da SBEM, organizadas em diversos estados⁶, têm promovido e divulgado na Revista da SBEM, os eventos realizados em torno da figura de Malba Tahan.

O extenso panorama das obras de Mello e Souza vislumbra prestígio, notoriedade e respeito. Contudo, possuidor de um estilo irrequieto, irreverente e provocador, nem sempre agradou a todos. Para se agüentar nas intempéries de um dia, Malba Tahan o faria viajar por lugares nunca antes visitados, apenas imaginados. Ele representaria o esforço necessário de todas as noites para

⁵ Retirado da carta de Monteiro Lobato a Malba Tahan acerca do livro *O Homem que Calculava*.

⁶ Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe, Tocantins.

conseguir manter a morte fora do ciclo da existência, assim como fez Shehrazade, que narrava, desesperadamente, até o amanhecer do dia para afastar a morte que a rondava.

O *arquivo* o manteria vivo, na posteridade, além de possibilitar-lhe o controle daquilo que quisesse imortalizar; a tentativa de conduzir o destino que lhe aprouvesse; a permissão de se governar. Malba Tahan representa uma das rupturas, um dos abalos do professor-autor Júlio César de Mello e Souza na predestinação de se recriar, de se reinventar, de se ressignificar no cerne de suas práticas cotidianas.

Fontes Primárias

INSTITUTO MALBA TAHAN. ARQUIVO PESSOAL –. *Arquivo*. 1917-19, v. 1, folha de rosto.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Folha de São Paulo*. Aos 79 anos, faleceu Malba Tahan. São Paulo: quarta feira, *Caderno de Educação*, p. 12, 19 de junho de 1974.

_____. *Jornal do Brasil*. Malba Tahan morre de edema em Recife onde ensinava a arte de contar histórias. Rio de Janeiro: quarta-feira, *1º Caderno*, p. 5, 19 de junho de 1974.

Fontes Secundárias

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In : Revista de Estudos Históricos – Arquivos Pessoais, n. 21, 1998/1. Disponível em : <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 14 mai. 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998

DE CERTAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 1994.

_____. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM REVISTA. *Criação do dia Nacional da Matemática*. IN: Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, ano 11, n.16, maio de 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro : Edições Graal,1979.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal,1988

_____. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.

_____. A escrita de si. In: *Ética, Sexualidade, Política. Coleção Ditos & Escritos V*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2004.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. In : Revista de Estudos Históricos – Arquivos Pessoais, n. 21, 1998/1. Disponível em:<www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 14 mai.2007.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... In : Revista de Estudos Históricos – Arquivos Pessoais, n. 21, 1998/1. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 14 mai.2007.

TAHAN, Malba. *Acordaram-me de madrugada: recordações de antigo aluno do Colégio Pedro II* . Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, 1973

VIÑAO, Antonio. Autobiografía, memórias y diários como fuente histórico-educativa: tipología y usos. In: BERRIO, Julio Ruiz. *La cultura escolar de Europa: tendencias históricas emergentes*. Madrid: Edit Biblioteca Nueva, 2000.